

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE O OLHAR DO ADOLESCENTE E DA FAMÍLIA

Maria Edileuza Alencar Silva

Especialista em metodologia do Ensino Superior
Universidade Estadual do Maranhão/UEMA

Maria Creuza Souza

Bacharel em Serviço Social
Estácio UNISEB Interativo

Este artigo trata do diálogo a respeito da sexualidade entre a escola e a família, o mesmo tem a pretensão de evidenciar o que pensam os alunos, pais e professores e contribuir para que aconteçam mudanças de atitudes no ambiente escolar e acadêmico. Para essas finalidades foram realizadas pesquisa bibliográfica, observação e entrevista semiestruturada, buscando entender qual o motivo de haver ou não diálogo entre a população alvo. A pesquisa foi realizada com base na abordagem e na metodologia qualitativa. A partir das leituras e coleta de dados emergiram três resultados: o da presença do diálogo e sua importância, o da ausência do diálogo e sua necessidade e o motivo da existência e não existência do diálogo, sendo prevalente a ausência do diálogo entre pais e professores e pais e filhos. Implicando na necessidade de buscar alternativas que favoreçam melhor interação entre os sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Diálogo. Família. Escola.

INTRODUÇÃO

As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias e em todas as esferas da sociedade. Por isso interessa a família, a igreja, a escola e as demais instituições sociais. Muito se discute sobre esse tema. Especialmente nos meios de comunicações, onde os discursos não reprimem e não ocultam as curiosidades e manifestações da sexualidade (CRUZ, 1997). Enquanto no seio da família, da igreja e da escola as atitudes as vezes reprimir, ocultar ou ignorar. Isso, certamente, traz sérias implicações educacionais e comportamentais.

Como ações metodológicas, foram realizadas observação da realidade e entrevista semiestruturada junto a 5 pais e 5 adolescentes a partir de uma abordagem qualitativa com enfoque fenomenológico enfoque fenomenológico que, de acordo com Triviños (1987) e Lüdke e André (1986), visa analisar a realidade a partir do ponto de vista dos sujeitos envolvidos.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal do perímetro urbano de Imperatriz-MA, que atende desde a educação infantil aos anos finais do ensino fundamental. Nesse

espaço, é constante reclamação da comunidade escolar em razão da prática de gestos obscenos, gravidez precoce, exposições de palavrões nas paredes da escola, entre outros.

1 SEXUALIDADE: FAMÍLIA E ESCOLA

A sexualidade é inerente ao homem e à mulher, em suas diferentes fases. Faz parte do seu cotidiano, está refletida no modo de pensar, sentir e compreender ou interpretar o que está a sua volta, manifestando-se através de sentimentos, sensações e desejos (TAQUETTE, 2008). É intrínseca ao ser humano por isso não tem como separá-la e considerá-la indecente ou imoral, Deve ser abordada de forma gradativa, natural e com respeito, pois envolve o ser humano na sua totalidade: biológica, psíquica e sociocultural.

E se tratando da família, convém entender que os filhos têm necessidades e dificuldades para dialogar a respeito da sexualidade com os pais e professores e estes não se sentem a vontade ou preparados para discutir o assunto. Enquanto a TV, como ressalta Cury (2003, p.58), mostra mais de sessenta personagens por hora com as mais diferentes características de personalidade que competem com a imagem dos pais e professores, isso implica na necessidade de diálogo.

2 SEXUALIDADE NA ESCOLA: O COMPLEXO DIÁLOGO ENTRE A FAMÍLIA, PROFESSORES E ALUNOS

Buscamos saber se os alunos sentem-se a vontade para dialogar sobre sexualidade com seus familiares e professores. Para mantê-los no anonimato os denominamos de A, B, C, D. A partir das respostas, inferimos o sentido que eles atribuem sobre o que é diálogo. Nessa perspectiva, indagamos como se dá o diálogo com os professores e os pais quando o assunto é sexualidade. A aluna (C) diz

Sim, porque ela (mãe) compreende e me aconselha bastante, não fica apenas implicando e dizendo que eu sou muito nova, eles falam para usar camisinha. Minhas coisas sobre sexualidade falo para as pessoas que eu confio, e que eu sei que não vão me dar conselhos, nem me criticam por eu ser nova (Aluna C, 9º ano, 15 anos).

Isso mostra que a família atua como primeiro modelo de educação sexual (BRASIL, 2008). Não sabemos, no entanto, como se dá esse diálogo. A afirmação da aluna de que os pais a compreende, aconselham e não implicam, evidencia que estes assumem o papel social de educar e não somente determinar opiniões e valores (ZAGURY, 1999). Porém como todo adolescente, C está

exposta e sujeita a milhares de estímulos que poderão ser incorporados à sua educação sexual. Os termos “aconselham” e “não implicam” nos chamou atenção, pois através deles percebemos a necessidade dos adolescentes e jovens de já começarem a serem tratados como sujeitos ativos, responsáveis pelos seus atos e não passivos. Contrário a C, o aluno D confirma que dialoga somente com os professores.

Não converso com meus pais porque tenho medo deles me levarem a mal ou até brigar comigo. Mas gosto de falar com meus professores, eles dão um bom conselho, não vão brigar comigo, eu acho que eles me entendem e também não são como meus pais (Aluno D, 8º ano 13 anos).

Percebe-se que o aluno venceu a barreira imposta pelos pais e procura sanar suas dúvidas com alguém. Nesse sentido, fica o alerta, ou seja, quando os pais não conversam com os filhos abrem um enorme abismo ente eles e brechas para que outros dialoguem, o que pode ser bastante perigoso, porque o jovem fica vulnerável a todo tipo de influências além do espaço familiar e escolar. Diferentes de C e D, os alunos A e B não dialogam sobre o assunto nem com os pais e nem com os professores. “Meus pais falam abertamente sobre sexo e sexualidade, mas não me sinto a vontade para falar de ‘ficar’ ou ‘namorar’ com eles, nem sempre falo com meus professores, às vezes tenho vergonha deles” (aluna B, 8º ano, 12 anos).

Quando comecei me relacionar desse modo, fiquei com medo dos meus pais saberem, porque tinha medo da reação e de perder a confiança deles. Porém, com o tempo eles souberam, não tive como esconder, mas mesmo assim não falo sobre esse assunto com eles porque não tenho coragem e tenho vergonha deles (aluna A, 8º ano, 13 anos).

Os depoimentos nos mostram que muitos pais não se dão conta das necessidades e carências afetivas de seus filhos, mostra ainda que o medo da repreensão dificulta o diálogo da aluna com seus pais, mas esta encontra suporte em seus professores. Porém é necessário que o professor saiba propiciar informações de forma sistematizada e que sua ação seja diferenciada da educação realizada pela família. A aluna B, comenta que os pais falam sobre o assunto, mas deixa claro sua insegurança em falar com as duas instituições mais indicadas a instruí-las, família e escola. Enquanto A, mesmo tendo vida sexual ativa, afirma que não tem coragem de dialogar sobre sexualidade com os pais e professores.

Almeida *et al.* (2005), afirmam que quando as informações não são obtidas em casa, eles recorrem aos ‘colegas sabe-tudo’, que na maioria das vezes sabem muito pouco e acabam deturpando fatos e informações, criando dúvidas ainda maiores. As famílias A e D não dialoga sobre sexualidade, pois conforme Paulo Freire, (1987): sem o diálogo não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação.

2.2 Sexualidade: os pais sentem necessidade do direcionamento da escola

Procuramos conversar com quatro mães, denominadas de A1, C1, D1 e E1. As mesmas compreendem faixa etária entre 31 a 53 anos, sendo que uma delas é apenas alfabetizada. As demais têm ou estão cursando nível superior. De acordo as afirmações as mães não dialogam com os filhos. Os motivos são distintos. A1, avó/mãe, ressalta a timidez da neta como fator que impossibilita o diálogo: “Eu sinto que é preciso, mas ela é muito tímida, não dá espaço para conversa, a escola deveria preparar reunião com pai, professor e aluno para ajudar abrir a mente”(A1, 53 anos, alfabetizada, avô de uma adolescente de 14 anos). Esse é um caso visível de diferença de idade e também a constatação de que quem deve criar os filhos são os pais. Os avôs, por mais abertos que sejam, estão sintonizados em seus tempos, o que diferem do tempo dos netos.

Outra mãe, C1, afirma não saber conversar sobre o assunto, apresentou-se surpresa diante de um episódio em que surpreendeu a filha, de três anos, beijando outra coleguinha.

Não, sinceramente eu não achava necessário falar sobre isso, pelo fato de minha filha ser tão pequena, porém a mais ou menos duas semanas fiquei sem ação quando descobri que minha filha e sua coleguinha estavam se beijando. Pensei, vou dar umas palmadas para que ela não faça mais isso e não deixarei brincar mais com essa menina! Falei para minha irmã sobre separar a minha filha da outra, ela sorriu e perguntou se eu ia separar sempre a minha filha de suas colegas ou ia conversar com ela olhando olho no olho? Aprendi que para falar sobre sexualidade não há idade determinada e que preciso aprender a me relacionar melhor com minha filha, ainda não houve oportunidade para discutir esse tema na escola. Penso que a escola não promove dialogo a respeito para os pais dos alunos nas séries inicial por não considerar necessário. Mas precisamos de norte para acompanhar nossos filhos (C1, 31 anos, 7º período de Química, vigilante, 01 filha de 03 anos).

A mãe sente-se insegura para dialogar com a filha. O curioso é que passa a questão para a escola. Não se pode afirmar que ela seja ignorante, afinal está faltando apenas um período para se formar em Química. Por outro, levanta uma questão importante e até mesmo inquietante: a escola também não está preparada ou não está atenta à situação. Werebe (1998, p.149) ressalta que “[...] nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre a sexualidade, seja porque não possuem os conhecimentos para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto”. A afirmação vem ao encontro do nosso questionamento e nos esclarece que a falta de conhecimento é um dos fatores que dificultar o diálogo entre pais e filhos.

As vezes quero falar pra ele sobre o perigo de se envolver com as garotas sem prevenção, mas não há oportunidade, não me sinto à vontade. Penso que a escola pode ajudar os pais realizando atividades junto com os filhos sobre esse assunto para que pudéssemos entender melhor, ainda não tive oportunidade de falar com os professores (D1:39 anos)

cabeleireira, cursando 2º período de Pedagogia, filho 16 anos).

Não, e fico preocupada porque ele sabe as coisas, de ouvir os outros falarem, a televisão mostrar e eu não sei o que dizer. Ontem comprei um livro sobre sexualidade para eu ler e me preparar para depois ter o que falar com ele. Quando ele tinha dez anos admitiu que enfiou um pau redondo na minha cachorrinha (que morreu), chorei por ela e por ele, pois me surgiu medo do comportamento do meu filho. O coloquei no quarto, de castigo durante um dia inteiro, para ele pensar bem no mal que ele havia feito. Minha preocupação continuou e continua, conversei com a psicóloga e a mesma indicou a possibilidade de influências através de conversas nas rodas com os amigos. Atualmente quando eu lembro-o, do episódio ele pede pra eu não falar mais e diz que se arrependeu muito. Eu acho que se nós, o diretor e professores, discutissem juntos, esse assunto seria melhor (D1: 40 anos, 6º período Serviço Social, filho 12 anos).

O fragmento da fala da mãe D1 “Eu acho que se nós, mães, diretores e professores discutíssemos junto esse assunto, seria melhor”, nos chamou atenção pelo fato incluir a direção e de colocar a necessidade de discussão e não simplesmente exposição de informações. Segundo Caridade (1997, p. 43), “[...]a escola precisa continuar o trabalho de educação sexual, repensando dimensões esquecidas e visões distorcidas ou negadas da sexualidade sem, contudo, substituir a família”. Nesse sentido, retomamos a Werebe (1998) quando diz que nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre a sexualidade, seja por não possuírem conhecimentos para fazê-lo, seja por se sentirem constrangidos para tratar do assunto.

2.3 Sexualidade: ausência do diálogo entre escola e família

Quatro professoras esclarecessem se dialogam sobre questões relacionadas à sexualidade com seus alunos e com os pais deles. Para expor o resultado da entrevista denominamos os entrevistados de B2, C2, D2 e E2.

Embora as educadoras afirmem não ter dificuldades em abordar o assunto com seus alunos e com os pais, conforme informação abaixo:

Sim, por acreditar que atualmente o jovem precisa está mais informado sobre esse assunto, tento sempre que o conteúdo permite, tratar sobre sexualidade. O jovem está muito acessível a informações erradas e cabe à família e a escola tratar o tema com responsabilidade. Cada público exige uma forma de falar sobre o tema, então por mais que alguns pais e alunos (que é raro) não queiram dialogar sobre sexualidade, isto nunca me impediu de falar. Nunca dialoguei com os pais, mas se for preciso falo sem nenhum problema. (B2: Geografia e Religião alunos com faixa etária de 11 a 17 anos).

Sim, é um tema muito importante e a escola deve oferecer aos alunos. Não vejo nenhum problema. Até o momento não houve nenhum momento destinado ao diálogo com os pais sobre este assunto. A escola deveria convocar as famílias dos alunos para discutir com eles acerca da sexualidade. (C2: Português e Inglês, alunos 11 a 17 anos).

Sim, os alunos sentem a necessidade de serem esclarecidos sobre esse assunto e às vezes eles não se sentem a vontade para pedir informação em casa e hoje em dia eles estão expostos às doenças e a até mesmo a uma gravidez

indesejada enquanto os pais acham que falar sobre o assunto é um estímulo à iniciação sexual. (D2: Língua Portuguesa alunos de 11 e 12 anos).

Sim, sempre que necessário converso com meus alunos, tiro suas dúvidas, mas com os pais ainda não houve um momento que proporcionasse a minha discussão a respeito do tema, penso que a parte pedagógica e a direção precisam organizar para os planejamentos momentos de estudo a respeito da sexualidade e outros temas necessários e não reunir apenas para cobrar planos, devem também realizar estudos com os pais, procurar discutir temas desta natureza, digo, proporcionar momentos. (E2: Ciências, alunos de 13 a 17 anos).

Percebe-se que há diálogo entre alunos e professores. B2 acrescenta destaca a família e a escola como principais responsáveis pela educação sexual. Suas respostas nos remete a percepção de que a atuação desses professores está de acordo a afirmativa de Caridade (1997) cuja indicativa e de que a escola precisa dar continuidade à educação sexual da família, sem substituí-la, mas que possa repensar dimensões esquecidas e visões distorcidas ou negadas da sexualidade. Para C2 o tema é importante e é dever da escola ofertar aos alunos. D2 considera necessário discutir o assunto para esclarecer e E2 admite conversar sobre o assunto sempre que necessário. Porém, no que referem aos pais, os quatro entrevistados admitiram não haver diálogo. As professoras C2 e E2 evidenciaram insatisfação em relação à organização pedagógica, com ênfase na gestão escolar, seus gestos e comentários favoreceram a percepção de que há barreira quando o assunto é sexualidade.

CONCLUSÃO

Com a pesquisa constatamos que a sexualidade faz parte da essência humana. No que tange a orientação sexual embora seja a priori, responsabilidade da família e posteriormente e/ou paralelamente da escola, outras instância têm influenciado mais que estas, a exemplo da televisão, pois não reprime e nem oculta a manifestações da sexualidade.

Concluimos que as questões relacionadas à sexualidade na adolescência precisam ser abordadas pela família e pela escola, sendo responsabilidade da família instruir e à escola cabe o papel de desenvolver uma ação crítica reflexiva e preventiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D.S.O. ; COSTA, R.L. da & SILVA , T.M. da. **Chega de tabu! A sexualidade sem medos e sem cortes.** 2005. Disponível em http://www.conhecer.org.br/enciclop/2012b/cienciashumanas/concepcoes_dos_pais.pdf Acesso em: 03 out. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros curriculares nacionais: temas transversais**. Brasília: MEC/SEB, 2008.

CARIDADE, Amparo. **Sexualidade: corpo e metáfora**. São Paulo: Iglu, 1997.

FREIRE, Paulo. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra.

CRUZ, Elizabete Franco. A fala da criança sobre sexualidade humana: o dito, o explícito e o oculto. **Educação e Sociedade** [online]. 1997, ano XVIII, nº 58, julho (203-207).

CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes, professores fascinantes**. 9. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M.E.D.A de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U. 1986.

TAQUETTE, Stella R. Sexualidade na adolescência. In: BRASIL. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Ministério da Saúde/Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: 2008 (2005-2012).

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, Política, Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

ZAGURY, T. **Encurtando a Adolescência**. Rio de Janeiro: Record, 1999.